



Apresentação

De actantes, signos, discursos. De uma banda a passar e de leite derramado. De escravos e senhores.

Ivã Carlos Lopes *

José Américo Bezerra Saraiva **

O texto que abre esta edição da *Estudos Semióticos* é assinado por Wolfgang Wildgen, um dos mais destacados promotores da orientação morfodinâmica nas teorias da linguagem, orientação compartilhada, aliás, com a contribuição da professora Isabel Marcos que havíamos publicado no primeiro número da temporada 2016. O docente da Universidade de Bremen, em seu trabalho, empreende uma reflexão sobre os sistemas dos casos gramaticais e aponta, como núcleo comum para as suas diversas tipologias linguísticas, a base emocional da enunciação humana, centrada na ação. Apoiando-se em René Thom e Jean Petitot, o autor sustenta ser esta base emocional o fundamento capaz de explicar a morfogênese da actancialidade subjacente a toda variação de casualidade gramatical identificada nas diferentes línguas. Em seus termos, o processo evolutivo humano compreende níveis de complexidade semiótica crescentes correspondendo a níveis de actancialidade que se vão estocando na memória do homem, como uma gramática básica da experiência, variando desde um nível actancial zero, em que se reconhece a presença de um predador, manifestado num grito de alarme, por exemplo, até níveis mais sofisticados de representação actancial. A constituição desse sistema actancial estaria para Wildgen na base da faculdade cognitiva do homem, articulada como linguagem, e os processos de gramaticalização próprios de cada língua particular se incumbiriam de dar-lhe feições específicas.

Dois estudos deste número voltam-se para a questão do sensível e têm textos de Chico Buarque de Holanda como foco de análise. O primeiro, de Sílvia Maria de Sousa e Cinthia Paes Virginio, examina os procedimentos de convocação da memória pelos narradores dos romances *Leite derramado*, do compositor carioca, e *Dois irmãos*, de Milton Hatoum, mostrando a indissociabilidade entre as dimensões sensível e inteligível em

ambas as narrativas. A inevitável oscilação entre essas duas dimensões submete-se ao controle do gênero discurso memorialista, que promove certo afastamento objetivamente a fim de que se proceda a triagem cognitiva, responsável direta pela ausência de paixões intensas e pontuais. No entanto, as autoras verificam que o efeito objetivante do discurso memorialista não exclui as paixões extensas na instância da narração e que as duas narrativas apresentam modulações com sentidos opostos. O narrador de *Dois irmãos* esforça-se para reduzir o teor passional de seu discurso, atenuando e minimizando, enquanto o narrador de *Leite derramado* investe constantemente no aumento do grau de passionalidade do seu, restabelecendo ou recrudescendo. O segundo estudo que explora a questão do sensível e se volta para um texto de Chico Buarque é o de Marcela Ulhôa Borges Magalhães. A autora serve-se do conceito zilberberguiano de acontecimento para analisar a letra da canção *A banda* e, com base nos resultados obtidos, procura argumentar a favor da centralidade desse conceito quando se pretende pensar o texto poético e seus efeitos de sentido. Na letra da canção, a passagem da banda é interpretada como acontecimento, isto é, como suspensão veloz e impactante da rotina a que os sujeitos estão submetidos ou, ainda, como fratura na programação que define os papéis temático-figurativos de cada ator, tal como o poético instauraria um “mais sentido” num mundo progressivamente dessemantizado pela estabilização excessiva do sentido.

O texto de Carolina Tomasi e Julio William Curvelo Barbosa, bem como o de Natália Cipolaro Guirado, tratam de questões relacionadas à linguagem cinematográfica. Tomasi e Barbosa tomam o filme *Is the man who is tall happy: an animated conversation with Noam Chomsky*, do diretor francês Michel Gondry, a fim examinar se o modo de proceder do cineasta-enunciador,

* Editor responsável. Docente pela Universidade de São Paulo (USP). Endereço para correspondência: (lopesic@usp.br).

** Editor responsável. Docente pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Endereço para correspondência: (jabsaraiva@gmail.com).

por meio do que ele chama desenhos abstratos animados, estabelece analogias entre seu processo de criação e a teoria gerativista desenvolvida pelo linguista americano. Postando-se na perspectiva da teoria semiótica inspirada por Greimas e utilizando o conceito de enunciação cunhado por ele, os autores demonstram que o cineasta-enunciador opera mesmo como uma instância criativa-ingênua e não logra, como pretendia, dar configuração cinemática ao pensamento de Chomsky. Guirado, por sua vez, destaca a importância da montagem na construção do tempo e da ilusão de realidade na linguagem cinematográfica tomando para análise trechos dos filmes *Gata velha ainda mia*, de Rafael Primot, *2001, uma odisseia no espaço*, de Stanley Kubrick e *Melancolia*, de Lars von Trier. A autora chama atenção para o fato de que a montagem destaca-se no processo da produção cinematográfica como operador temporal que subverte a ordem cronológica em sua natural progressão para instaurar um tempo interno à obra, responsável, entre outros elementos, pela sua organicidade, para a qual conta com os sincretismos de expressão que podem estimular as diferentes ordens sensoriais dos enunciatários.

O artigo de Regina Rossetti lida com aspectos da visualidade, não no âmbito da linguagem cinematográfica, como os dois que acabamos de comentar, mas num *best-seller* do ano de 2014, o fenômeno editorial *Eu me chamo Antônio*. Ancorada na semiótica peirciana, Rossetti observa que o livro, divulgado aos poucos em mídia social antes mesmo de ser enfeitado e publicado num único volume, pode ser apreendido tanto fragmentariamente, leitura que conferiria certa autonomia às suas partes constitutivas, quando o leitor poderia tornar-se personagem da narrativa de cada poema, ou integradamente, leitura em que se estabeleceria uma sequência narrativa linear para as peripécias de Antônio e sua amada. A autora busca mostrar que, nas duas possibilidades de leitura, a visualidade desempenha papel relevante pela análise da capa e de mais quatro excertos.

André Ming também adota como arcabouço teórico a semiótica peirciana com o propósito de refletir acerca do objeto ou referente dos signos estéticos. Na contramão do que pensa Neuhaus e em concordância com o que é admitido por Johansen, o autor do artigo postula a existência de pelo menos dois objetos para tais signos, um ficcional e outro diretamente ligado ao mundo fenomenológico consensual, da realidade física ou social. Dessa forma é que, para Ming, a obra litográfica *Walterfall*, de Maurits Cornelis Escher, representa uma cascata “impossível” de existir no mundo fenomênico consensual, constituindo-se um signo cujo objeto teria natureza ficcional. No entanto, Ming propõe que o efeito de impossibilidade existencial é gerado a partir dos objetos do mundo consensual, físico e social, indispensáveis, a seu ver, para a geração do efeito de ficcionalidade do objeto do signo estético. E a arte se-

ria, assim, esse modo de produção de signos estéticos que correspondem a objetos cuja existência está na dependência direta do trânsito entre ficção e realidade.

Demuru argumenta a favor do tratamento que considera mais adequado para as práticas sociais, tratamento que, para ele, além da simples identificação dos performativos que as nomeiam e da modesta reconstituição das suas cenas predicativas imediatas, deve estar atento para as relações destas microcenas predicativas com as macrocenas sócio-políticas em cujo interior elas se dão, comunicando valores e axiologias e tecendo discursos de acordo com certos regimes de interação. Para o autor, este tratamento implica a admissão incontornável da complementaridade disciplinar no âmbito das ciências humanas, da assunção do compromisso com uma espécie de semiótica engajada, crítica das formas e das estruturas de poder, que pudesse funcionar como “terapia social”, como era desejo de Greimas.

Daniel Leite analisa textos jurídicos, acadêmicos e políticos produzidos em diferentes contextos geográficos e históricos que tratam do tema da escravidão no Brasil. O valor-modal *poder* é a categoria semiótica que baliza sua análise. O autor procura averiguar qual o estatuto do escravo naquele contexto, quais possibilidades de emancipação eram-lhe facultadas a partir das relações de transitividade e de facticidade que mantinha com seus destinadores. As relações de transitividade revelam-se regentes no domínio do senhor sobre o escravo, que, transformado em objeto de posse, não carece de ser manipulado para cumprir o seu papel. Pelo exame de textos legais e de estudos sobre a manutenção e declínio do sistema jurídico da escravidão no Brasil, Leite constata que a facticidade não é um fator determinante nesta estrutura de dominação, muito embora recentes estudos da historiografia procurem desconstruir o discurso de que o sistema escravocrata brasileiro se fez de uma relação unilateral entre senhores-dominadores, sujeitos do querer, e servos-dominados, reduzidos à condição de objetos consumíveis.

Para atender o nosso propósito de ampliar o diálogo acadêmico entre os pesquisadores que se ocupam do discurso é que, nesses nove artigos do atual número da *Estudos Semióticos* que oferecemos para a apreciação e o desfrute do leitor, encontram-se oito textos de autores brasileiros de diferentes instituições de ensino e pesquisa, abordando temáticas diversas sob múltiplas perspectivas teóricas, e um texto de autor estrangeiro. Dessa forma, pensamos estar, no centenário de nascimento de Algirdas Julien Greimas, dando sequência, em nossa escala, ao trabalho do mestre lituano, isto é, contribuindo para a construção de uma teoria semiótica geral a partir do diálogo com outros pontos de vista que observam o fenômeno discursivo e que possam ser compatibilizados. Boa leitura! ●